



ARQUÉTIPO, GÊNERO E IDENTIDADE EM “VENHA VER O PÔR DO SOL”, DE LYGIA FAGUNDES TELLES

Irio José do Nascimento Germano Júnior; Prof. Me. Antônio Cleonildo da Silva Costa

Universidade do Estado do Rio Grande do Norte (UERN)

iriogermano@gmail.com

RESUMO: O presente artigo objetiva analisar o processo de construção da identidade feminina a partir das discussões de gênero e dos arquétipos moldados pela sociedade no que diz respeito aos modelos ou padrões impostos. A influência subjetiva e inconsciente do gênero sociocultural propicia interpretações e releituras acerca das personagens no conto “Venha ver o pôr do sol”, de Lygia Fagundes Telles. Raquel e Ricardo vivem um reencontro amoroso/doloroso em que o discurso de um acaba influenciando o outro por meio de fragilidades entre os gêneros. É importante destacar que a construção desse arquétipo não se excogita como algo absoluto e imutável, pois está sempre em formação, ou seja, se modificando e, com isso, o contexto sociopolítico e cultural corrobora para conservar tal imagem. Nessa linha de pensamento, percebe-se a submissão do ser feminino ao ex-namorado. Entretanto, identifica-se uma mulher sagaz e aventureira que figura em uma sociedade ainda patriarcal. Por meio de uma pesquisa bibliográfica, parte-se da obra fagundiana, bem como aportes teóricos de Casagrande (2011), Jung (2000), Bauman (2005) e entre outros. Percebe-se, em decorrência do exposto, que as personagens carregam consigo uma formação social que lhes foram instruídas, atribuídas, tanto ao gênero feminino como ao masculino.

Palavras-chave: Arquétipo, Gênero, identidade.

INTRODUÇÃO

A discussão acerca de gênero na perspectiva literária aponta para diversos contextos a serem estudados e refletidos, uma vez que essas abordagens provam de um enraizamento histórico-cultural e social. Tendo em vista que a literatura se torna um campo de estudo que corrobora para perceber a transformação, a construção e a criação de comportamentos e representações humanas, o presente artigo objetiva analisar o processo de construção da identidade feminina a partir das discussões de gênero e dos arquétipos moldados pela sociedade no que diz

respeito aos modelos ou padrões impostos.

Nesse contexto, é produtivo captar as intenções implícitas e explícitas sobre o que configura o feminino e associá-las ao gênero, ao arquétipo e à identidade. Para que isso ocorra de fato, é preciso ter informações contextualizadas a partir das ações dos personagens. Estes, fictícios, acabam por dialogar, com o espaço real e levam consigo as marcas de gênero construídas ao longo da história, conforme aponta Costa (2005, p.13):

Toda e qualquer operação literária rege-se pela face da realidade, já que tudo



o que o homem cria é uma representação da realidade.

Nessa perspectiva, olhares inserem-se nas leituras literárias para refletir o envolvimento de crenças humanas em relação ao modelo de arquetípico direcionado à mulher e ao homem. É inegável que estes possuem diferenças, mas foi-se convencionando valores e deveres distintos, padronizados culturalmente.

Dessa maneira, a construção do gênero ligada à mulher e ao homem comporta forma e comportamento a estes, mediante uma sociedade que transcende à linha biológica e exerce efeitos categóricos aos sujeitos. Confortin (2003, p. 111) explica:

[...]ser homem e ser mulher é um processo que não está pronto na hora do nascimento da pessoa. É um processo que se dá de acordo com as múltiplas influências e instâncias.

Além disso, é válido mencionar que a identidade, nesse processo, vai sendo construída, captada, com o passar da vida e modelando-se de experiências pessoais, sociais e culturais. Como acontece com o gênero feminino, que tem seu

papel de atuação, as tarefas e desempenhos demarcam a trajetória de lutas e perdas nesse processo afirmativo. Entretanto, acabam por identificá-las enquanto mulheres no ambiente em que se encontram envolvidas e no espaço que ocupam.

Mediante comportamento social pelo qual se identifica a categoria masculina e feminina, essas percepções que não são fisiológicas, mas moduladas culturalmente com o decorrer do tempo, envolvem um conjunto de marcas pinceladas pela história entre os povos e grupos sociais, refletindo sua identidade.

Em “Venha ver o pôr do sol” de Lygia Fagundes Telles, aborda-se um reencontro dicotômico, localizado em um cemitério abandonado, repleto de ambiguidades, subjetividades e múltiplas dúvidas que circulam o enredo. O conto possui um desfecho repleto de conflitos e fragilidades entre os gêneros. O ambiente do enredo é apresentado por Raquel e Ricardo e retrata a condição feminino de submissão, menosprezo e incertezas perante um homem vingativo e afetado pelo amor não correspondido. Com isso, compreende-se discutir o gênero a partir dos personagens, observando como os arquétipos moldam a identidade de cada um dentro de um espaço.



Nesse sentido, este artigo utiliza-se da metodologia bibliográfica, pois esta pesquisa é conduzida pela obra literária, que vai convocando todas as teorias possíveis à discussão. Por meio da perspectiva qualitativa, avalia-se como as proposições práticas e teóricas configuram as categorias de análise.

Nesse sentido, a pesquisa está composta por três momentos fazendo-se por meio de releituras proporcionadas pela obra “Venha ver o pôr do sol”. Os três momentos estão agregando a obra literária e a natureza teórica. No primeiro momento, trata do gênero; o segundo momento relacionado com o arquétipo; e o terceiro momento, investigando a identidade. Todos esses requisitos são examinados com a releitura do conto que será o corpus e o condutor destas discussões.

Uma questão de gênero

O surgimento da ideia de gênero vem sendo construído epistemologicamente no decorrer dos anos. Desse modo, pode-se pensar os princípios atribuídos à mulher com atuação envolvida com o lado materno, carinhoso, educacional, ou seja, uma modelação doméstica associada a um caráter revestido de generosidade e bondade; e, ao

homem, um perfil direcionado mais a força física, profissão, política, ou melhor, revestido de toda uma liberdade, independência e chances de possuir qualquer função ligada ao estado. A partir dessas condições, é possível perceber

[...] essa diferença que vai sustentar a dicotomia entre homens e mulheres, entre o masculino e o feminino, numa relação hierárquica nas relações sociais. (SOUZA, 2002, p. 79)

Toda essa concepção e representação da dualidade masculina e feminina são alicerces ideológicos interligados ao gênero. Dessa maneira, vale associar a essas categorias, representações que se constroem e formam uma desconstrução, ou seja, uma ruptura expressa de diferentes ideologias subalternas, entre: “modelo x imitação; dominador x dominado; forte x fraco; presença x ausência; corpo x mente; homem x mulher”. (ZOLIN, 2003 p. 163).

A esse contexto, a palavra gênero ganha também uma gama de classificações e compõe-se de uma complexidade no que diz respeito a sua definição. Por não possuir um único e imutável sentido, o termo apropria-se de uma diversa



classificação política, profissional, familiar; na globalização, nas representações de poder, na literatura, nos filmes, na música, entre outros. Percebe-se com isso, que a escolha de uma única definição para este vocábulo não se encontra estável e consolidada devido a todo um repertório de representações de identidades, estereótipos e rótulos atribuídos. Este termo continua moldando-se historicamente e é nessa continuidade que se envolve também as desigualdades sociais e direitos humanos, e principalmente os arquétipos notáveis nesta classificação homem/mulher.

Nesse contexto, traçar essas perspectivas nas veredas literárias colabora para uma releitura ímpar do conto “Venha ver o pôr do sol”. Dialogando com a teoria e a análise, a obra traz características relacionadas ao gênero, como pode-se perceber nesse momento de reencontro entre Ricardo e Raquel:

[...] metido num largo blusão azul-marinho, cabelos crescidos e desalinhados, tinha um jeito jovial de estudante. [...] - Veja que lama. Só mesmo você inventaria um encontro num lugar destes. [...] Ele riu entre malicioso e ingênuo.
- Jamais?
Pensei que

viesses vestida esportivamente e agora me aparece nessa elegância! (TELLES, 2009, p 94.)

Na obra, é notável um discurso que acaba por influenciar um conjunto de fragilidades entre os gêneros, neste caso, o masculino está em posição de soberano, enquanto que a figura feminina encontra-se em dificuldades para chegar ao lugar marcado, mesmo elegante – uma fútil.

A princípio, observa-se que o texto propõe pistas há serem analisadas. Pode-se notar desde um aspecto simples, como o uso da cor da roupa de Ricardo que é azul, aliás uma cor convencionada ao perfil masculino, para uma característica mais complexa, como o comportamento masculinizado deste. Isso é o que se percebe nessa passagem: “Ele riu entre malicioso e ingênuo” (TELLES, 2009, p 94.). Pode-se refletir que o mesmo não possui uma única personalidade, mas duas sensações distintas – a de maldade e a de bondade.

Além de um teor irônico e sarcástico adotado pelo protagonista, ele usa estímulos que repudiam e inferiorizam Raquel em vários momentos. Isso pode ser comprovado no trecho: “Quando você andava comigo, usava uns sapatos de sete



léguas, lembra?” (TELLES, 2009, p 94.). Percebe-se, no contexto da conversa, um deboche de Ricardo, pois ao rever Raquel, atribui um pensamento sarcástico referindo-se ao passado dela, sobretudo, despeitado com sua elegância atual.

Nesse sentido, Ricardo acaba por modelar um comportamento de poder masculino, uma opressão mesmo que inconsciente voltada à Raquel e, com isso, contribui para o comportamento subjetivo de força central do gênero masculino, exercido sobre a integridade feminina. Poder este, influenciado pelas camadas sociopolíticas, culturais, sexuais, entre outras. Sobre o exposto, Foucault (1999, p.89) reforça:

[...] que o poder não é algo que se adquire, arrebate ou compartilhe, algo que se guarde ou deixe escapar; o poder se exerce a partir de números pontos e em meio a relações desiguais e móveis.

Dessa forma, essa construção de vingança no comportamento que aos poucos vai sendo utilizado e demonstrado por Ricardo, traduz subliminarmente uma ideologia de poder, de posse (machista). Ele acaba modelando seus artifícios dualistas no decorrer da história, acarretando aspectos como

“forte”, “dominador” e uma “mente” que trama e especula perversidades. Mas ao mesmo tempo finge ser um indivíduo calmo, carinhoso e que só quer uma despedida. Isso leva a uma ambiguidade em seu comportamento, diferente do gênero feminino categorizado em Raquel. Ela que possui um gênio sagar que se perpetua em sua honestidade, afeto e ingenuidade, como observa-se nessas passagens:

Recostando a cabeça no ombro do homem, ela retardou o passo. [...] Mas apesar de tudo, tenho às vezes saudade daquele tempo. [...] - Está bem, mas agora vamos embora que já me diverti muito, faz tempo que não me divirto tanto, só mesmo um cara como você podia me fazer divertir assim. - Deu-lhe um rápido beijo na face.” (TELLES, 2009, p 96-97.)

No desenrolar da história, evidencia-se que a trama está centrada na figura do homem, de um poder psicológico masculino capaz de fazer a ex-namorada realizar sua vontade, independente de Raquel estar ou não a fim disto. Sendo assim, nota-se que o gênero feminino é destituído de poder, de escolha, de



posicionamento, pois se deixa levar pela “força” do homem, do gênero que o marca através do pertencer cultural.

Dessa forma, aponta-se comportamentos peculiares entre os personagens em sua categoria de gênero, como se observa nos estereótipos provenientes do discurso masculino: “[...]ficou assim toda frágil, toda sentimental. E agora? Que romance você está lendo agora?” (TELLES, 2009, p 96.). Diante disso, nota-se a colocação de Ricardo para com Raquel, atribuindo-lhe um comportamento inconscientemente característico do gênero feminino, no sentido de ser adepta ao romance, ao sentimental.

Além do mais, outra forma de atribuir perspectivas femininas a Raquel se faz notar na passagem:

[...] - Sei que você gostaria de encontrar tudo limpinho, flores nos vasos, velas, sinais da minha dedicação, certo? Mas já disse que o que mais amo neste cemitério é precisamente este abandono, esta solidão. [...]” (TELLES, 2009, p 98.).

No ambiente descrito, são encontrados os objetos e a

permanência masculina na representação do local e a ausência de um cenário que retrate o perfil romântico.

Nessa linha de pensamento, as ferramentas e as artimanhas utilizadas por Ricardo para prender Raquel em sua emboscada são marcadas e transmitidas em uma fragilidade articulada de subjetividade. Nessa perspectiva, Casagrande (2011), vem abordar em sua obra uma retrospectiva do surgimento dos estudos voltados ao gênero, mostrando que ter noção deste, ajuda a melhor entender a sociedade e suas relações.

Perspectivas literárias de arquétipos

Os arquétipos são, a grosso modo, os moldes formulados e padronizados pela política sociocultural de uma identidade já imposta, a qual deve ser seguida. Para tanto, entende-se que este termo corresponde a uma estrutura primária e básica em que pode-se definir culturalmente um conjunto de padrões e comportamentos específicos que colaboram para conduzir a vida humana. O arquétipo mais próximo do que se pretende investigar na presente pesquisa recai sobre a figura feminina e masculina, que representa uma série de paradigmas estereotipados pelo regime social.



Quanto a isso, toda a peculiaridade, todos os aspectos e envoltimentos sociais direcionados com a categoria da mulher em relação à etnia, condições socioeconômicas e papéis desempenhados a elas, acabaram influenciando para uma formação “privada”, submissa e inferior, comparada às ações do homem. A formação feminina dispõe de um acervo de dominação, exploração e patriarcalismo, a qual corrobora para uma cultura que foi pincelada através de um processo histórico e de uma construção da identidade de gênero. Sendo assim, nota-se essa distinção através das personagens Ricardo e Raquel.

Dessa maneira, a construção do arquétipo, no que diz respeito ao conceito abordado por Jung (2000) vem tratar das observações de que existem imagens que são formadas a partir da vivência de cada um, mas tem uma estrutura semelhante, por exemplo: todo o ser humano tem pais e mães, então, todos eles têm a possibilidade de formar uma imagem de pai e uma imagem de mãe de maneira inconsciente.

Sobre o exposto, o autor acrescenta:

No indivíduo, os arquétipos aparecem como manifestações involuntárias de processos inconscientes, cuja existência e sentido só pode ser inferido; no mito, [...] Remontam a um mundo

anterior originário, com pressupostos e condições espirituais que ainda podemos observar entre os primitivos atuais. (JUNG, 2000, p. 155)

Percebe-se que os arquétipos se constroem inconscientemente por pressupostas representações. De maneira involuntária, são padronizados e, com isso, perpassados e compartilhados de forma coletiva por entre as gerações.

Nesse contexto, ao analisar o comportamento das personagens e levando em consideração o pensamento da autora Zolin (2003) que dialoga com essa perspectiva de arquétipo, percebe-se sua ideologia sobre a condição da mulher, no que diz respeito, em ser subjugada. A autora reforça duas categorias identificadas para o gênero feminino – a mulher-sujeito e a mulher-objeto.

[...] a mulher-sujeito é marcada pela insubordinação aos referidos paradigmas, por seu poder de decisão, dominação e imposição; enquanto mulher-objeto define-se pela submissão, pela resignação e pela falta de voz. (ZOLIN, 2003, p. 163)



Nesse contexto, a presença do arquétipo, modelado histórico e culturalmente pela submissão da mulher e hierarquização do homem, podem ser vistos no conto em estudo. A personagem Raquel, mulher-objeto, se torna refém de um lugar secundário e de um outro masculino e dominador. É o que se observa abaixo:

E não satisfeito de ter-se alastrado furioso pelos canteiros, subira pelas sepulturas, [...] como se quisesse com sua violenta força de vida cobrir para sempre os últimos vestígios da morte. [...] Amuada mas obediente, ela se deixava conduzir como uma criança. (TELLES, 2009, p 96)

No primeiro momento, Ricardo possui um ar de valentia e de dominação. Nesse contexto, há resquícios de um perfil patriarcal de força incontestável, ou seja, um arquétipo revestido de agressividade e posse.

Nesse sentido, Ricardo tanto trama, que consegue aprisionar física e espiritualmente Raquel. Em sua mente, há um ressentimento dicotômico entre um afeto amoroso/doloroso. Ele acaba por coloca Raquel em um ambiente

privado, por sentir-se dominador desta. Toda a posse e autoridade que Ricardo pratica sobre Raquel é resultado de um padrão vingativo de articulações inconformadas decorrentes do fim do namoro dos dois.

No segundo momento, há uma visão privada da personagem Raquel que acaba por possuir um arquétipo submisso e inferior. A moça apresenta aspectos de obediência. Com isso, é manipulada pelo seu ex-namorado para uma emboscada sem volta, na qual a mesma é trancafiada em uma catacumba. Implorar a Ricardo para libertá-la já não é o suficiente.

Enfraquecendo-a psicologicamente com seu falso caráter de manipulador, num processo inconsciente de tê-la só para si, ele menospreza sua condição de mulher. Complementando essa perspectiva Heleieth Saffioti (1987) apud Casagrande (2011, p. 188) corrobora:

Às mulheres impõem-se a necessidade de inibir a agressividade, pois elas deveriam ser dóceis, cortadas e passivas. A educação masculina, no entanto, historicamente trouxe elementos que contribuem para agressividade. Os homens são ensinados a competir permanentemente e a



XII CONAGES

XII COLÓQUIO NACIONAL REPRESENTAÇÕES
DE GÊNERO E SEXUALIDADES

agressividade é um componente básico da personalidade competitiva.

A par dessa informação, Raquel tem sua posição inferiorizada e aprisionada pelas articulações de Ricardo:

- Ricardo, chega, já disse! Chega! Abre imediatamente, imediatamente! - Sacudiu a portinhola com mais força ainda, agarrou-se a ela, dependurando-se por entre as grades. Ficou ofegante, os olhos cheios de lágrimas. [...] Ele já não sorria. Estava sério, os olhos diminuídos. Em redor deles, reapareceram as rugazinhas abertas em leque. Boa noite, Raquel. (TELLES, 2009, p 99.)

Com o decorrer da leitura, a modelação da identidade do homem e da mulher são construídas hierarquicamente na obra “Venha ver o pôr do sol”. Raquel, portanto, estaria ligada à teoria da mulher abaixo expressa:

[...] não havia lugar para as mulheres com representatividade pública, condenadas que estavam à inferioridade segundo as leis da

natureza. Sua função na sociedade moderna, era a de ser moderadora; sua missão, dentro da nova ordem, a de amar [...] Seguindo a orientação de Comte, a mulher ideal estaria na figura da Virgem-Mãe, símbolo perfeito da humanidade, capaz de reproduzir sem a interferência externa. (PAIXÃO, S.1997, p.163).

Os arquétipos de homem, ele inconformado pelo abandono; e de mulher, ela desejosa de liberdade, mas aprisionada pelas convenções sociais; acabam se transformando em forças identitárias, assunto para a próxima seção.

A identidade e suas armadilhas

Dentro dessas concepções, discorrer sobre identidade, formada socioculturalmente torna-se necessário. E, diante disso, como observa Bauman (2005, p. 45)

[...], a identidade escolhida e preferida é contraposta, principalmente, às obstinadas sobras das identidades antigas, abandonadas e abominadas, escolhidas ou



impostas no passado. Na outra frente, as pressões de outras identidades, maquinadas e impostas.

É com esse pressuposto, que se percebe como a identidade acaba sendo espalhada e enraizada com o tempo. Ela resiste e ganha novas formas “outras identidades” no mundo pós-moderno, perpetuando casos de discriminações conscientes ou não.

A identidade é algo que se modela com o decorrer do tempo, como lembra Hall (2006, p. 38):

a identidade é realmente algo formado, ao longo do tempo, através de processos inconscientes, e não algo inato, existente na consciência no momento do nascimento.

Essa perspectiva acaba por dialogar com o arquétipo, fazendo uma ponte também com o gênero. Essas teorias insurgem da necessidade de discutir a obra “Venha ver o pôr do sol”. Nesse contexto, a identidade de Raquel e de Ricardo, são acontecimentos fragilizados.

Ricardo demonstra detalhes de seu caráter que acaba por formatar sua identidade. Seu caráter doentio e

vingativo oscila, podendo ser notável em: “Ficou sério[...]” (TELLES, 2009, p 95 .) “numa expressão astuta[...]” (Id., 2009, p 95.), “o ar inexperiente e meio desatento. (Id., 2009, p 95) “[...] A fisionomia, tão aberta e lisa, repentinamente escureceu, envelhecida. Mas logo o sorriso reapareceu e as rugazinhas sumiram.” (Id., 2009, p 96 [...] Sorriu, melancólico” (Id., 2009, p 98)

Esse jogo complexo, de identidade fluida, tem seu desfecho em sua final atitude de tornar Raquel vítima fatal do seu trágico e último dia de vida social.

Raquel, por sua vez, perpetua a fragilidade de seus sentimentos por Ricardo. Se ela não sentisse nada por ele, não teria aceitado o reencontro. Ao cair na lábia de Ricardo, Raquel acaba ficando limitada e inferiorizada ao ser presa em uma armadilha física e psicológica.

Foi escorregando. - Não, não... Voltado ainda para ela, ele chegara até a porta e abriu os braços. Foi puxando, as duas folhas escancaradas. - Boa noite, meu anjo. Os lábios dela se pregavam um ao outro, como se, entre eles houvesse cola. Os olhos rodavam pesadamente numa expressão embrutecida. - Não... (TELLES, 2009, p 99-100.).



As esperanças acabam e junto do mais belo pôr do sol, ela foi subjugada à plenitude de sua identidade por meio de sua última fala “- Não...”. A identidade de Raquel se configura em recortes do seu próprio ser que agora se encontra aprisionado físico e socialmente. Sua vida acaba ou é interrompida pelo seu ex-namorado. Com ela, muitas mulheres também se calam frente aos mandos machistas, em um processo identitário ainda patriarcal e injusto.

CONCLUSÃO

A literatura atua em transformações, participações e retratações cabais no processo sócio histórico da humanidade através das artes. A discussão de gênero insere-se nessa perspectiva.

Nessa linha de pensamento, a definição de mulher e de homem no contexto social precisa ser refletida. Este trabalho discutiu o conjunto de fragilidades e eventualidades encontrados entre os gêneros, pelos quais os personagens são revestidos.

O objetivo foi analisar os estudos de gênero, arquétipo e identidade dos personagens Ricardo e Raquel da obra *Venham ver o pôr-do-sol* de Lygia Fagundes Telles.

Este artigo é mais um avanço colaborativo e tem a intenção de despertar indagações e contribuições acadêmicas e investigativas. Vale ressaltar que esse estudo não para por aqui, pois o foco aqui debatido não possui limites investigativos e está em constante ampliação, basta direcionar a perspectiva.

Nesse sentido, em consonância com a noção de gênero, envolvendo a categorização entre o masculino e feminino, os arquétipos se constituem por meio de ações padronizadas pela identificação social, política, histórica e crítica.

Esse ambiente utiliza-se, ademais, para auxiliar na identidade moldada pelos padrões vigentes, em que a mulher precisa ter voz. Já os homens, não deveriam apenas impor para marcarem seu gênero. Sua construção de arquétipo deveria ir além do que se padroniza, deveria perpassar pelo caráter e dignidade particular e humana.

Diante desse respaldo teórico-analítico, sabe-se que as histórias de Lygia Fagundes Telles ultrapassam as perspectivas de uma materialidade simples no campo da investigação da realidade, tornando-se assim verossímil. Ela repercute casos e acasos do ser humano diante das dificuldades acarretadas pelos



acontecimentos da vida. Seus escritos têm revelado realidades que retratam ambiguidades e ironias revestidas das diversas faces identitárias da humanidade.

Espera-se, portanto, muitas outras discussões semelhantes a deste trabalho, a fim de problematizar as questões de gênero, arquétipos e identidade, por meio da literatura.

REFERÊNCIAS

BONNICI, Thomas; ZOLIN, Lúcia Ozana. (Orgs). *Crítica feminina*. In: _____. **Teoria literária: abordagens históricas e tendências contemporâneas**. Maringá: Universidade do Estado de Maringá, 2003.

BAUMAN, Zygmunt. **Identidade: entrevista a Benedetto Vecchi**. Trad. Carlos Alberto Medeiros. Rio de Janeiro: Jorge Zahar Ed., 2005.

COSTA, M. E. da. **O mito feminino: de Marília a Capitu**. Programa de pós-graduação em Letras – João Pessoa – PB: UFPB, Tese de Doutorado, 2005.

CONFORTIN, Helena. *Discurso e Gênero: a mulher em foco*. In: **Representações do Feminino**. Organização: Maria Inês Ghilardi-Lucena. Campinas: Átomo, 2003.

CASAGRANDE, Lindamir Salete. *et al.* **Igualdade de gênero: enfrentando o sexismo e a homofobia**. – 1. ed. Curitiba: UTFPR, 2011.

FOUCAULT, Michel. **História da Sexualidade**. Vol.1: A vontade de saber. Tradução: Maria Thereza da Costa

Albuquerque e J.A. Guilhon Albuquerque. 13.ed. Rio de Janeiro: Graal, 1999.

HALL, S. **A identidade cultural na pós-modernidade**. Tradução Tomaz T. da Silva e Guacira L. Louro. 11. ed. Rio de Janeiro: DP&A, 2006.

HELENA, L. **Ficção e Gênero (gender) na literatura brasileira**. In: Revista Gragoatá – Publicação do Programa de Pós-graduação em Letras da Universidade Federal Fluminense. N. 01, Niterói: EDUFF, 2 sem. 1996.

JUNG, Carl Gustav, 1875-1961. **Os arquétipos e o inconsciente coletivo** / CG. Jung; [tradução Maria Luíza Appy, Dora Mariana R. Ferreira da Silva]. - Perrópolis, RJ: Vozes, 2000.

PIRES, Vera Lúcia. *A Identidade do Sujeito Feminino: uma leitura das desigualdades*. In: GILARDI-LUCENA, Maria Inês (org.). **Representações do Feminino**. Campinas, SP, Átomo.

PAIXÃO, S. **Mulher e república: a ré-pública**. In: Revista Gragoatá - Programa de Pós-Graduação em Letras da Universidade Federal Fluminense, n.01. Niterói: EDUFF, 2 sem. 1996.

SOUZA, E. R. *Re-significações de gênero na infância*. In: ADELMAN, M. & SILVESTRE, C. B. (Orgs.) **Coletânea Gênero Plural**. Curitiba: ed. UFPR, 2002.

SILVA, T. T. da. *A produção social da identidade e da diferença*. In: SILVA, T. T. (Org.) **Identidade e diferença: a perspectiva dos Estudos Culturais**. 9. ed. Petrópolis – RJ: Vozes, 2009.

TELLES, Lygia Fagundes. **Venha ver o pôr-do-sol**. In: _____. *Antes do baile verde*. Rio de Janeiro: Rocco, 1999.